

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: ensinamentos para educadores(as) que ousam educar para a liberdade

DEMOCRATIC EDUCATION: lessons for educators who dare to educate for freedom

EDUCACIÓN DEMOCRÁTICA: lecciones para educadores que se atreven a educar para la libertad

Tereza Cristina da Cruz Bezerra

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). cruzbezerrat@gmail.com



0000-0001-7494-0239

Kássia Christina Oliveira Rodrigues

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). Docente na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). kassyaoor@gmail.com



0000-0003-2433-9167

Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e UNAM-UAM-Iztapalapa - México. Docente do PPGED da Universidade do Estado do Pará. nildeapoluceno@gmail.com



0000-0002-3458-584X

Correspondência: Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA) - Rua do Una, nº 156. Bairro: Telégrafo. Belém - Pará - Brasil - 66.050-540. nep@uepa.br

Recebido em: 01/04/2024

Aceito em: 01/09/2024

Publicado em: 30/11/2024

RESUMO:

As reflexões inscritas neste artigo, orientado por um estudo qualitativo, articulam pensamentos de Hooks e Freire que provocam o sistema educacional estadunidense e brasileiro na tecitura criativa de uma educação democrática. A questão: Como educadoras(es) podem transformar práticas autoritárias e desumanas, promovidas e encorajadas por muitas instituições de ensino, em uma práxis educativa democrática? Busca compreender como os conceitos de educação democrática e de educador(a) democrático(a), presentes nos ensinamentos de Hooks e Paulo Freire, anunciam a possibilidade de transformação das práticas autoritárias em práticas democráticas no ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Democrática; Bell Hooks; Paulo Freire; Diálogo.

Introdução

...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

...Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse me:

—Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: —É que eu tinha fé no Kubstchek.

—A senhora tinha fé e agora não tem mais?

—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia.

(Carolina Maria de Jesus em "Quarto de despejo: diário de uma favelada", 2014).

Iniciamos esse texto com o excerto da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, do seu livro originado a partir dos seus diários que teve a primeira publicação em 1960, à época do governo do presidente Juscelino Kubistchek. É uma escrita da margem, uma visão a partir da favela, uma escrevivência de uma mulher negra, mãe solo e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê (Jesus, 2014). Do diálogo entre mãe e filho, surge uma problemática atemporal e muito cara a nós, brasileiros e brasileiras: a questão da democracia. A tão recente, frágil e combatida democracia brasileira, aviltada pouco tempo atrás, por meio de movimento golpista contra as instituições democráticas e de súplicas pela volta da ditadura e regime autoritário. Felizmente, o povo brasileiro conseguiu mostrar através do voto que não dá mais para voltar às políticas coloniais, escravocratas, do passado, tampouco manter estruturas modernas que continuam agravando as desigualdades sociais no país. É preciso ensinar e construir a democracia, para restaurar a humanidade, garantir direitos, fundar comunidades de resistência e se implicar na construção de um país menos desigual e mais justo.

Tanto Carolina Maria de Jesus quanto Paulo Freire viveram o regime militar brasileiro. Por nascerem em um país fundado na colonização, na dominação, na exploração e na exclusão, segundo a lógica do Sistema Patriarcal Supremacista Branco Capitalista Imperialista, o incômodo causado pela pedagogia do homem educador branco causou mais desconforto e preocupação do que a pedagogia da mulher negra favelada que ousou registrar o que aprendeu com a violência, a fome, a miséria e a exclusão. A voz do homem branco que falava sobre exclusão e opressão do povo e se propunha a educar para a libertação foi abruptamente calada pelo regime militar, resultando no seu exílio em 1964, ano em que se instaurou a ditadura militar no país. À Carolina, restou a escrevivência da margem, do feminino negro, não frequentador do cânone acadêmico brasileiro, sempre morto, branco e masculino. A ausência de democracia e de direitos para Carolina continha o peso da classe, da cor da pele e do sexo. Atualmente, o livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada", é um referencial importante para estudos culturais e sociais, tanto no Brasil como no exterior.

Tal como Carolina, a escritora e educadora Bell Hooks (2021) ergue sua voz da margem, em um país que, apesar de ser anunciado como democrático, tem uma longa e persistente história de colonização, violência, dominação, exclusão e de violação de direitos humanos. É a partir da vida na comunidade negra segregada do sul dos Estados Unidos da América, que Hooks nos fala sobre democracia, sobre educação feminista e antirracista, sobre a importância da posição de classe, de sexo e de raça para a luta de

libertação. Nascida em Hopkinsville, ao sul dos Estados Unidos da América, em 25 de setembro de 1952, a autora viveu o regime do *apartheid* racial, no qual o racismo terrorista sancionado pelo Estado manteve a população negra em condição de subalternidade.

Enquanto a falsa democracia racial e social brasileira entrava em colapso em 1964 (Rattis, & Rios, 2010), com a instalação de um regime militar que obrigou Carolina e a maioria da população brasileira a experimentar 21 anos de aprofundamento das desigualdades sociais e supressão dos direitos civis, Bell começou a vivenciar o fim da segregação racial nos Estados Unidos da América, por meio de ações legais e legislativas, como a Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei de Direito ao Voto de 1965. É importante ressaltar que o “fim da segregação não trouxe integração racial. Misturar, cruzar as fronteiras da raça, era ainda uma questão de escolha individual. A maioria das pessoas brancas continuou a acreditar na supremacia branca e a viver de acordo com ela” (Hooks, 2021, p. 109). Embora sofresse com a educação dessegredada que cada vez mais se distanciava da luta antirracista e ensinava a crer na dominação como algo natural, cultivando a ideia de que negros e negras são geneticamente determinados à escravidão e incapazes de aprender, Bell Hooks (2017) adentra à academia na esteira da luta pelos direitos civis nos EUA. Para o ativismo feminista e antirracista, para a vida acadêmica e depois para a carreira docente, a autora trouxe o ensinamento das comunidades negras do Sul dos Estados Unidos da América:

a noção de que somos todos um, de que o objetivo de acabar com a dominação racial ia além de apenas conquistar direitos civis, de acabar com a discriminação; era também a visão de um povo diverso vivendo junto, em paz (Hooks, 2021, p. 105).

Mesmo tendo nascido e vivido em um tempo em que a democracia e os direitos civis só existiam para a população branca, Bell Hooks (2021) sempre acreditou na transformação das pessoas brancas, refutando a ideia da militância negra patriarcal, baseada no Norte e na Costa Oeste, de que as pessoas brancas eram sempre e somente o inimigo. Reconhecia a coragem das pessoas brancas que cruzavam as fronteiras e sacrificavam poder, *status* e privilégios para serem antirracistas. Nessas comunidades de resistência, pessoas brancas e negras lutavam por democracia e igualdade de direitos e expressavam suas crenças na justiça.

Assim, para Hooks (2017) ser racista, machista, sexista, homofóbico são escolhas, que podem ser alteradas a partir de uma educação crítica e democrática. Um exemplo

recorrente nos livros da autora, que nos informa o que acontece quando pessoas brancas se transformam, diz respeito ao educador brasileiro Paulo Freire. A autora reiteradamente relembra o encontro que teve com Paulo na Universidade de Santa Cruz, onde ela estudava e dava aulas. Nesse encontro, ela interrogou o educador sobre o sexismo presente em sua obra, apesar de reconhecer que o pensamento freireano a fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência, alimentando sua luta pessoal contra o processo de colonização. Sobre o aprendizado propiciado pela obra e pela presença de Freire, a autora escreveu:

A lição que aprendi vendo Paulo incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profunda. Entrou em mim, me tocou de um jeito que nenhum escrito poderia tocar e me deu coragem. Não tem sido fácil para eu fazer o trabalho que faço e me situar na academia (ultimamente sinto que se tornou quase impossível), mas a gente se inspira a perseverar vendo o exemplo dos outros. A presença de Freire me inspirou. Não que eu não visse um comportamento sexista da parte dele; mas essas contradições são abraçadas como parte do processo de aprendizado, parte daquilo que a pessoa luta para mudar— e essa luta, muitas vezes leva tempo (Hooks, 2017, pp. 79-80).

Em artigo intitulado “bell hooks. Descolonizando la educación” Leal *et al.* (2022, p. 6) destacam que:

Com e para além de Freire, hooks delineia sua perspectiva educacional que envolve a defesa de que teorizar é um processo crítico que pode conduzir a uma mudança em um contexto prático, a um processo de “cura” individual e coletiva. Refletir e desenvolver um pensamento crítico acerca de nossas experiências vividas é, segundo hooks, essencial para a compreensão do que nos atravessa, nos machuca, situando o lugar a partir do qual podemos iniciar processos de “resgate” de nós mesmas, nós mesmos.

Inspirada pelo projeto político pedagógico freireano, pela luta feminista e antirracista e pelo budismo engajado, Bell Hooks nos provoca a pensar como praticar uma educação democrática dentro e fora da sala de aula, mesmo forjados em um sistema patriarcal supremacista branco capitalista imperialista. Desta provocação algumas questões emergem: Como nós, educadoras e educadores, podemos transformar nossas práticas autoritárias e desumanas, promovidas e encorajadas por muitas instituições de ensino, em uma práxis educativa democrática? Como transformar as salas de aula em espaços de aprendizagens mais diversos e inclusivos? Como ensinar e aprender democracia em salas de aula diversas?

O objetivo deste artigo é compreender como os conceitos de educação democrática e de educador(a) democrático(a), presentes nos ensinamentos de Hooks e Paulo Freire, anunciam a possibilidade de transformação das práticas autoritárias em práticas democráticas no ensino.

Este artigo está construído a partir do ensinamento 2 do livro “Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática” e do ensinamento 4 do livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” escritos por Bell Hooks (2020 e 2021, respectivamente). Ensinamentos que abordam a questão da educação democrática e que aguçam nossas reflexões sobre como fundar e manter relações democráticas dentro e fora da sala de aula no contexto do ensino superior. Todavia, outros autores e autoras são postos a conversar com as provocações de Hooks para a construção de uma educação democrática em um mundo que ainda não é completamente democrático, mas já é incrivelmente diverso, dentre os quais: Eurico e Passos (2022); Freire (2013, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2021); Leal *et al.* (2022); Jesus (2014); Ratts, & Rios (2010), além de outros.

Desta forma, as reflexões aqui efetivadas são resultantes do levantamento de fontes primárias bibliográficas de Hooks (2017, 2018, 2020, 2021) e de outros autores. Este texto consiste em uma pesquisa bibliográfica, cujo mote, de acordo com Severino (2007, p. 122) envolve o:

registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

O artigo está estruturado em 04 seções: “Introdução”; “Bell Hooks e a educação democrática – por um mundo democrático e com justiça social”, “Ensinamentos para educadoras(es) que ousam educar para a liberdade e para a democracia” e “Algumas considerações”.

Bell Hooks e a Educação Democrática – por um mundo democrático e com justiça social

O sonho era substituir aquela cultura de dominação por um mundo de economia participativa fundamentada em comunalismo e democracia social, um mundo sem discriminação baseada em raça ou gênero, um mundo onde o reconhecimento da mutualidade e da interdependência seria o ethos dominante, uma visão ecológica global de como o planeta pode sobreviver e como todo mundo nele pode ter acesso à paz e ao bem-estar (Hooks, 2018, p. 117).

O sonho de viver em uma democracia social, com reconhecimento da mutualidade e da interdependência era um desejo constante e a utopia da educadora Bell Hooks (2018, p. 117), contada em seus livros. Nascida no *apartheid* racial que a destinou a convivência aos espaços segregados, a autora sempre vislumbrou a possibilidade de uma vida em comunidade, na qual as pessoas conviveriam com ética, alteridade e justiça social; uma convivência dialógica, amorosa, solidária e fraterna, mantenedora da esperança e garantidora da paz e do bem-estar.

Com o desejo nutrido pelo movimento antirracista fundado no sul dos EUA, pelo budismo engajado, pela pedagogia crítica freireana, pelo movimento antirracista e feminista, afirmava que “os movimentos pela justiça social que se apegam a formas ultrapassadas de pensamento e de ação tendem a falhar” (Hooks, 2018, p. 157). Assim, nas suas andanças como acadêmica, educadora, militante e escritora, buscava alimentar diálogos éticos e politicamente comprometidos com a desocultação dos discursos ideológicos que falseiam a realidade, em busca da verdade, tal qual Paulo Freire (2020a).

Nos espaços que frequentou, acadêmicos ou não, Hooks (2017, 2018, 2020, 2021) problematizava a desesperança do movimento negro patriarcal, na possibilidade de transformação das pessoas brancas. O discurso institucional de que a sala de aula nos EUA é uma zona livre, dentro da qual o desejo de estudar e aprender torna todos e todas iguais; a ideia semeada de que o racismo podia ser mudado pela lei e pela interação; a insistência do movimento feminista em centrar-se apenas na questão de gênero, bem como nos papéis socialmente determinados às mulheres. A sua intencionalidade era criar espaço para uma intervenção crítica e uma possível transformação, pois tinha consciência de que não há democracia plena quando os direitos e garantias individuais são negados ou rechaçados em nome de um projeto societário, orientado e organizado pelo sistema patriarcal supremacista branco capitalista imperialista, normatizador da dominação masculina, do racismo, da exploração de classe, do sexismo, da homofobia, do capacitismo... (Eurico, & Passos, 2022).

Como educadora e intelectual negra feminista dissidente de esquerda, Hooks se aproxima de Paulo Freire, buscando por meio de suas transgressões encontrar a “unidade na diversidade”.

Sobre a construção da “unidade na diversidade”, condição *sine qua non* para a edificação de uma democracia forte, solidária, ética, justa e inclusiva, Freire (2021, p. 212) argumenta que:

as chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumirem-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si, e não só as diferenças, e, assim, criar a unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir se uma democracia substantiva, radical.

Nesta perspectiva, na visão de Freire, há necessidade de os diferentes grupos oprimidos trabalharem em conjunto, na luta pela superação das diferentes formas de opressão social, criando uma unidade na diversidade.

Além disso, a promessa e a possibilidade da educação como prática da liberdade de Freire (2019a, p. 100) fizeram surgir em Hooks o compromisso com uma educação crítica e democrática para a eliminação de todas as formas de exclusão. Educação na qual educadores e educandos afirmam “uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação”. Ou seja, pensar na educação libertadora como algo que também acontece fora das salas de aula, nos movimentos sociais que lutam contra a dominação, com vistas à transformação social.

Freire (2019a, p. 197) afirma que a educação libertadora:

[...] é uma das coisas que devemos fazer, junto com outras coisas, para transformar a realidade. Devemos evitar que nos interpretem como se estivéssemos pensando que deveríamos primeiro educar as pessoas para serem livres, para depois podermos transformar a realidade. Não. Devemos, o quanto possível, fazer as duas coisas simultaneamente. Por isso, devemos estar engajados na ação política contra o racismo, contra o sexismo, contra o capitalismo, e contra as estruturas desumanas de produção.

A premissa de que a educação é um ato político de resistência, que leva os seres humanos a resistirem às injustiças e se unirem em solidariedade de forma a realizar a promessa de uma sociedade e educação democráticas alimentou a esperança da

educadora na vocação humana para o *Ser Mais*, que, de acordo com Freire (2019b, p. 76), pode ser definido:

[...] como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

Desta forma, é na rebeldia contra as injustiças sociais e os processos de desumanização que afirmamos a nossa humanidade. Além disso, ressalta Freire (2019b, p. 119):

[...] a falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do *Ser Mais*.

Neste sentido, a opressão de um grupo social sobre outro consiste em uma transgressão do processo de humanização, cuja vocação é *Ser Mais*. Com base nos princípios humanizadores de Freire, Hooks (2021) considera que precisamos alimentar a solidariedade e a tolerância social, política e cultural, se quisermos construir uma sociedade menos feia e menos arestosa, de forma a construir uma comunidade de resistência intercultural e inclusiva; uma comunidade que crie a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une: a democracia. E essa comunidade com vistas à superação da dominação e de todas as formas de exclusão, na qual há um engajamento autêntico e radical de todos os seres humanos e é possível dialogar e viver as diferenças, têm na formação democrática uma prática de real importância.

Assim, o projeto político pedagógico de Bell Hooks (2020; 2021) convoca educadores e educandos a nutrir uma disposição para abordar a educação a partir de um ponto de vista de uma consciência de raça, de classe, de sexo. Uma educação ética, amorosa, comprometida e engajada como modo de apoiar o processo democrático genuíno e a justiça social; educação na qual educadores e educandos aprendem em comunhão, a pensar de forma crítica, permitindo a todos e todas se unirem em solidariedade e cumprir a promessa da democracia.

Ensinaamentos para Educadores que ousam educar para a Liberdade e para a Democracia

Ultimamente, luto para ser uma mulher de palavra. A poeta negra Mari Evans nos encoraja: “fale a verdade para o povo”. O contexto acadêmico, o discurso acadêmico, no qual eu trabalho, não é um lugar conhecido por dizer verdades. Não é um lugar em que os oprimidos nos juntamos para falar sobre nossa saída da servidão, para escrever nosso caminho em direção à liberdade, publicar artigos e livros que façam mais do que informar, que testemunhem, que sejam testemunhas da importância da luta, de nosso esforço coletivo para transformar. Porém, essa é a nossa necessidade mais urgente, a mais importante de nosso trabalho – o trabalho de libertação (Hooks, 2019 p. 74).

Como acadêmica e, depois como docente, Bell Hooks (2017, 2019, 2020) sempre conviveu com projetos excludentes e projetos emancipatórios de educação. As críticas que tece em seus livros sobre a vida acadêmica e sobre todo contexto educacional estadunidense mostram que estar sendo educador(a) democrático(a), especialmente no ensino superior, por vezes acarreta perseguição, frustração, exclusão e silenciamento, no sentido de esvaziar e deslegitimar os espaços progressistas nos sistemas educacionais, nos quais se pode debater liberdade e democracia. O enfraquecimento da educação democrática e o abandono de práticas educativas que honrem a educação como prática da liberdade são temas persistentes e de constante preocupação para Bell Hooks, o que nos possibilita a partir de agora nos debruçarmos sobre os ensinamentos dois e quatro da autora.

Educação democrática para o pensamento crítico

É sobre essa educação democrática nascida de sua disposição em cruzar fronteiras, de sua busca por integrar modos e hábitos de ser e da escuta do outro diferente que Bell Hooks (2020) nos fala no Ensino 2, intitulado “Educação democrática”, ensinamento que compõe o livro “Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática”.

No início do ensinamento, a autora partilha conosco suas impressões sobre a vida no território estadunidense, onde crescia nos anos 50. Segundo ela, nas escolas segregadas e nas conversas em ambientes públicos ou privados, as pessoas falavam abertamente sobre o significado e o valor da democracia, espalhando silenciosamente as sementes da luta por direitos civis. Lembra, também, a desilusão dos combatentes negros ao retornar da segunda guerra mundial, por ter que lutar e morrer para manter o

mundo seguro para a democracia, enquanto os Estados Unidos da América lhes negavam direitos civis. Todavia, evidenciou que essa desilusão não os levou ao desespero, pois serviu de catalisador para as lutas nos EUA, com vistas a torná-la uma nação verdadeiramente democrática, na qual todos os cidadãos precisariam assumir a responsabilidade de proteger e manter a democracia. Nesta conjuntura, aprendeu que um dos aspectos mais importantes da democracia é a garantia do direito à educação para todas as pessoas, independentemente de raça, gênero ou classe social.

Sucessivamente, a autora apresenta sua percepção sobre a juventude atualmente. Para Hooks (2020, p. 40), os jovens têm a impressão de que a democracia é algo nato à sociedade estadunidense, sem a necessidade de engajamento e trabalho para sua manutenção. Assim, os espaços de diálogo sobre a natureza da democracia esvaziavam-se. Não há leitura sobre a temática e nem sequer a procura pelas obras dos “pensadores estadunidenses do passado e do presente” que ensinam a origem e o significado da democracia.

Para exemplificar a necessidade de uma retomada do debate sobre democracia no contexto educacional, Bell Hooks (2020, p. 42) evidencia no texto, a declaração do filósofo estadunidense John Dewey, para quem a “democracia deve renascer a cada geração, e a educação é sua parteira”. É notória a preocupação da autora com a preservação dos direitos civis conquistados e com a manutenção das políticas públicas que abriram as portas da educação para a entrada de pessoas sem direitos, como as ações afirmativas, por exemplo. O direito à existência de diversas populações marginalizadas, subalternizadas, silenciadas e oprimidas estava cotidianamente em risco.

De fato, Bell Hooks (2020, p. 42) vivenciou o recrudescimento dos valores e normas do sistema patriarcal supremacista branco imperialista capitalista, a partir dos anos 1990. Na academia, “os estudos sobre mulheres e os estudos culturais foram reformulados para deixarem de ser espaços progressistas dentro dos sistemas educacionais, nos quais se pudesse debater liberdade e democracia”. Espaços que antes se propunham ao diálogo e à desocultação dos discursos ideológicos, em busca da verdade para edificação do pensamento crítico, “foram, em sua maioria, desradicalizados. E os espaços onde não houve desradicalização se tornaram guetos, considerados um *playground* para estudantes que quisessem assumir uma persona radical” (Hooks, 2020, p. 42).

Além disso, nesse período, o sistema educacional estadunidense sustentou o crescimento das escolas particulares e o subsequente enfraquecimento das escolas

públicas, com cortes de financiamento para a educação. A educação pública cedeu espaço para a educação corporativa, transformando a educação em meio de alcançar sucesso material, legitimando a educação bancária tratada por Freire (2019a), que serve à dominação e que “torna a aquisição de informação mais importante que a obtenção de conhecimento ou o aprendizado do pensamento crítico” (Hooks, 2020, p. 43).

Em relação à educação democrática, Freire (2020a, p. 37) nos lembra que “as diferenças interculturais existem e apresentam cortes de classe, de raça, de gênero e, como alongamento destes de nações”, contudo,

é impossível pensar, pois, na superação da opressão, da discriminação, da passividade ou da pura rebelião que elas engendram, primeiro, sem uma compreensão crítica da História, na qual, finalmente, essas relações interculturais se dão de forma dialética, por isso, contraditória e processual. Segundo, sem projetos de natureza político pedagógica no sentido da transformação ou da reinvenção do mundo (Freire, 2020a, p. 38).

A educação democrática também está implicada em um movimento ético libertador, com base na ética da libertação de Enrique Dussel, que gera possibilidade a toda vida humana, com reconhecimento ético dos seres humanos como iguais, participação simétrica das pessoas nas decisões comunitárias e sociais (o respeito à cidadania) e a viabilização concreta desse viver – o assumir uma atitude de factibilidade e criticidade (Ramos, & Oliveira, 2020).

Deste modo, Bell Hooks (2020, pp. 44-45) nos alerta, em seu ensinamento 2, que precisamos transformar as escolas em espaço para o florescimento e o estabelecimento da consciência democrática, pois a sala de aula ainda se configura como “principal espaço onde a liberdade de expressão, divergências e opiniões plurais são valorizadas na teoria e na prática”. Além disso, nos ensina que “a educação democrática se baseia no pressuposto de que a democracia funciona, de que é a base de todo o ensino e toda a aprendizagem genuínos”. E, convida a todos e a todas que desejam educar para a democracia, a honrar a educação como prática de liberdade, de modo a reafirmar que a “habilidade de pensar é marca de cidadania responsável, onde a liberdade de expressão e o desejo de dissentir são aceitos e incentivados”.

Tal como Hooks, Paulo Freire também destaca a importância da sociedade e escola democráticas. Dessa maneira, o autor explicita que para vivermos a democracia há que se desenvolver um ambiente pedagógico no qual a pessoa tenha o direito de pronunciar a palavra, de manifestar o seu pensamento ao mesmo tempo em que a sua expressão

seja acolhida e atentamente escutada pelo coletivo que esta pessoa faça parte. Para Freire (2006a, p. 88):

Ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, primeiro, se é interdito no seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico; segundo, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito que, no fundo, é o direito também de atuar (Freire, 2006a, p. 88).

Neste sentido, à educadora e ao educador democráticos está colocada uma responsabilidade: o de criar contextos de ensino-aprendizagem a partir dos quais o exercício do diálogo como pedra angular da democracia seja constantemente forjada, e isso se dá a partir de uma prática educativa formativa permanente em que se lida com seres humanos reais, de carne e osso, como a senhora Carolina de Jesus que vive desde a margem como tantas e tantos brasileiros e que têm na sua constituição biopsicossocial e espiritual marcadores de diferenças que lhes são inerentes, seja por condições genéticas, bem como sociais, econômicas e espirituais.

Marcadores de diferenças que historicamente foram pensados pelos colonizadores europeus como indicadores que conferiam inumanidade a quem os atravessassem, a exemplo dos grupos humanos negros, indígenas e de pessoas com deficiência. Freire (2009) pontua sobre o desafio de, nos processos formativos, a educadora e o educador democráticos desenvolverem na cena pedagógica a educação do gosto democrático, “paladar” necessário de ser aprendido em processos formativos em todos os níveis e modalidades de ensino, especialmente em cursos superiores que formam professoras e professores, profissionais que têm entre as suas atribuições centrais a partilha e a tecitura de saberes com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Sobre a educação do gosto democrático, Freire pronuncia ser:

Um outro gosto democrático, de que seu contrário antagônico se acha entranhado em nossas tradições culturais autoritárias, é o gosto do respeito aos diferentes. O gosto da tolerância de que o racismo e o machismo fogem com o diabo da cruz (2009, p. 89).

Percebemos que o processo formativo de professoras e professores no Brasil e nos Estados Unidos precisa agregar estratégias pedagógicas outras que reflitam sobre o ser e estar no mundo de milhares de silenciados atropelados por um sistema socioeconômico que acirra abruptamente disparidades que cerceiam a vida, amesquinhando a sobrevivência marcada pela fome e pela miséria.

O processo formativo precisa articular às reflexões mencionadas acima, uma dimensão prática por meio da qual se materialize uma educação democrática implicada com seres humanos reais, portanto não aqueles idealizados em compêndios e ou manuais que psicologizam a existência humana, mas aqueles humanos que, como Carolina de Jesus, se encontram nas bordas deste sistema econômico que gera e gerencia desvalidos na terra.

Neste sentido, a feitura de contextos pedagógicos em que se aprende democracia implica sua feitura mesma no cotidiano, tarefa exigente e difícil que solicita a não dicotomização da reflexão e da prática, como ilustra Freire (2006a, p. 91):

É difícil, realmente, fazer democracia. É que a democracia, como qualquer sonho, não se faz com palavras desencarnadas, mas com reflexão e prática. Não é o que digo o que diz que eu sou democrata, que não sou racista ou machista, mas o que faço. É preciso que o que eu diga não seja contraditado pelo que faço. É o que faço que diz de minha lealdade ou não ao que digo (Freire, 2006a, p. 91).

O exercício do pronunciamento da palavra, bem como de sua escuta implica o reconhecimento ético-existencial daqueles que a pronunciam.

Educação democrática – por uma pedagogia da esperança

O projeto político-pedagógico de Bell Hooks assenta-se sobretudo em uma pedagogia crítica que nutre a esperança e nos convida a um exame constante sobre “os modos como apoiamos, seja consciente ou inconscientemente, as estruturas de dominação existentes” (Hooks, 2021, p. 94). Nesta perspectiva, faz-se necessário compreender como educadores democráticos podem e devem compartilhar conhecimento de forma a cooperar para a superação das estruturas existentes de dominação, dentro e fora do sistema educacional; e é no livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (Hooks, 2021), e, mais especificamente, no “Ensinar 4 – Educação democrática”, que pousamos nossas inquietações, buscando identificar como se constitui um educador democrático para além da sala de aula.

É preciso salientar que, assim como muitos estudantes que encontrou ao longo de sua carreira como educadora, Bell Hooks sempre tencionou o espaço acadêmico, descrito por ela como corrupto e moribundo; um lugar de negação coletiva, onde a maioria dos professores sem habilidades básicas de comunicação, executa rituais de controle para a dominação, através do exercício injusto de poder (Hooks, 2017). Para além do espaço acadêmico, é preciso identificar que o sistema educacional

estadunidense, desde a época da dessegregação racial, permaneceu, segundo Hooks (2017), como espaço tedioso, de não promessa e possibilidade, com práticas educativas para reforço da dominação, nas quais o conhecimento é apresentado “reforçando as hierarquias opressoras existentes” (Hooks, 2021, p. 94). Seguindo esta lógica, Paulo Freire observa:

As salas de aulas dos EUA são assim, conforme o relatório de Googlad que mencionei anteriormente, que observou uma falta de emoção muito grande nas escolas. Trinta anos atrás, Jerome Bruner queixou-se da mesma monotonia, ao percorrer os EUA observando escolas. Penso que essa crônica monotonia da escola contribui para que os alunos médios se tornem anti-intelectuais. A vida deles fora da escola é divertida, e a comédia é uma das formas através da qual vivem sua própria subjetividade. Quando a aprendizagem não tem humor, nem emoção, está lhes negando dois valores subjetivos (Freire, 2013, p. 190).

Na contramão do que vivenciou enquanto aluna, desde o ensino médio até o ensino superior, Bell Hooks testemunha, a partir de suas práticas educativas, possibilidade de construir uma comunidade pedagógica, na qual a diversidade de saberes e discursos, quando valorizada, faz emergir conhecimentos subjugados, anunciando a possibilidade de cura coletiva, através de uma educação que afirma a vida. De acordo com a autora:

Como educadores democráticos temos de trabalhar para encontrar maneiras de ensinar e compartilhar conhecimento de modo a não reforçar estruturas existentes de dominação (aquelas hierarquias de raça, gênero, classe e religião). A diversidade de discursos e de presenças pode ser bastante valorizada como um recurso que intensifica qualquer experiência de aprendizado (Hooks, 2021, p. 94).

Para honrar a educação como prática de liberdade, segundo a pedagogia da esperança, Bell Hooks esmiúça as atitudes e as práticas educativas a serem nutridas pelos que ousam construir-se enquanto educadores democráticos. Entre as atitudes e as práticas para educadores democráticos, contidas no Ensino 4, destacamos de Hooks (2021) a necessidade de:

- Compreender o conhecimento como experiência que enriquece a vida integralmente;
- Criar uma atmosfera prazerosa na prática da sala de aula;
- Incorporar práticas de ensino que honram a diversidade;
- Valorizar a diversidade da linguagem;

- Abraçar uma lógica inclusiva e reconhecer o limite do seu conhecimento; - Usar a lógica inclusiva “ambos/e” na sala de aula e fora dela; - Assumir a tarefa de abrir o espaço da aprendizagem para que ele possa ser mais inclusivo;

- Vivenciar a aprendizagem como um processo completo e não como uma prática restrita que desconecta e aliena do mundo;

- Conversar para compartilhar informações e trocar ideias, tanto dentro como fora do ambiente escolar e/ou acadêmico;

- Fazer do diálogo o espaço central da pedagogia;

- Trabalhar para encontrar maneiras de ensinar e compartilhar conhecimento de modo a não reforçar estruturas existentes de dominação; - Valorizar o aprendizado como fim em si, e não como meio de atingir outro objetivo, mobilidade social, poder, status.

- Deslocar pelo mundo compartilhando conhecimento;

- Ensinar para além da sala de aula;

- Não se envolver em formas de cisão patológica socialmente aceitas;

- Assumir uma prática vigilante;

- Ensinar e agir eticamente;

- Enxergar ensino e aprendizagem como constantes;

- Desenvolver o pensamento crítico;

- Criar uma comunidade de aprendizagem.

Percebemos que a prática educativa democrática de Hooks (2021) assemelha-se à de Paulo Freire (2020a), no que se refere à assunção da politicidade da educação. Assumir uma postura substantivamente democrática para ambos é abandonar a ideia de que existe uma educação neutra e assumir que “a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra alguém” (Freire, 2020a, p. 45). Assim, abraçar uma prática educativa democrática exige a eticidade do educador, no sentido de “uma vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática” (Freire, 2020a, p. 45). Logo:

A natureza formadora da docência, que não pode reduzir-se a puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, enfatiza a exigência ético-democrática do respeito ao pensamento, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educandos. Respeito, contudo, que não pode eximir o educador, enquanto autoridade, de exercer o direito de ter o dever de estabelecer limites, de propor tarefas, de cobrar a execução delas. Limites sem os quais as liberdades correm o risco de perder-se em licenciosidade, da mesma forma como, sem limites, a autoridade se extravia e vira autoritarismo (Freire, 2020a, p. 46).

A práxis libertadora do(a) educador(a) democrático(a), tanto para Freire quanto para Hooks, é aquela que assume o direito e o dever do ser humano de “optar, de decidir, de lutar de fazer política” (Freire, 2019b, p. 38), sendo, portanto, uma prática que funda a educação como processo permanente, alicerçada na ética, no amor, no diálogo, na alegria e na esperança. Segundo o autor, “tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança”; esperança que faz parte da natureza humana, que desperta, que anima apesar de tudo e que serve como “um condimento indispensável à experiência histórica” (Freire, 2019b, p. 52). Em vista disso, educadores democráticos competentes e coerentes testemunham:

seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido (Freire, 2019b, p. 81).

Como proposto por Bell Hooks ao longo de todo ensinamento 4, é preciso dialogar sobre as práticas educativas democráticas, possibilitadoras de uma atmosfera prazerosa na sala de aula, reconhecendo a sala de aula democrática como um dos poucos lugares “em que as pessoas possam encontrar apoio para adquirir consciência crítica, para se comprometer com o fim da dominação” (Hooks, 2021, p. 95). Assim:

Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (Freire, 2019b, p. 86).

Hooks (2021) nos ensina que a escola e a academia são espaços importantes para ajudar na construção e na manutenção da democracia, mas não são os únicos, portanto não devem ser tratados como a salvação para todos os problemas da humanidade; a formação dos seres humanos para a libertação e para a democracia acontece em todos

os espaços que transitam nas relações cotidianas, nas práticas sociais e culturais, nas comunidades e nos pequenos grupos, nos encontros que estabelecem com outras pessoas, outras culturas, outros imaginários, outras subjetividades e outras alteridades. Em conclusão, a educação democrática nos remete a processos sempre coletivos, amorosos, inclusivos, dialógicos, éticos e justos, que nos implicam em lutas permanentes contra todas as formas de dominação e exclusão; processos que restauram a nossa humanidade e que possibilitam a construção da unidade na diversidade, como propõe o educador Paulo Freire.

Algumas considerações

É importante destacar que, assim como nos Estados Unidos da América, o setor da educação no Brasil sofre, continuamente, com políticas que alternam projetos de dominação e projetos emancipatórios, estes últimos servindo a uma agenda de construção e fortalecimento de uma nação democrática, justa e inclusiva.

O fato é que, tanto no Brasil como nos Estados Unidos da América, a defesa da democracia e a luta pelo seu aprofundamento não se tornaram menos necessárias. Atualmente, presenciamos o retorno dos discursos ultraconservadores e suas políticas de exclusão e dominação no Brasil e no mundo. A aposta na vida deixou de ser uma preocupação coletiva. É preciso retomar a vigilância ética sobre nossas falas e ações se quisermos de fato construir uma sociedade democrática e justa. É preciso reafirmar a politicidade do ato educativo para a transformação ou reinvenção do mundo (Freire, 2020a).

É preciso assumir uma posição crítica diante do sistema patriarcal supremacista branco capitalista imperialista e propor a “ética da alteridade como horizonte de leitura da realidade circundante” se desejamos educar para a liberdade e para a democracia (Rosa, 2011, p. 140).

As reflexões tecidas por Carolina de Jesus, no início deste texto, mulher negra, catadora de lixo, mãe solo, residente das margens – o outro lado da linha abissal (terra sem lei), trazem para o contexto deste artigo sensíveis provocações sobre a democracia, a educação democrática e a formação de professoras e professores no contexto de relações pelas quais a democracia possa se materializar. Contexto esse que precisa ser constantemente vigiado para que homens e mulheres das classes populares não sejam negligenciados, revitimados nas suas existências, bem como não sejam cerceados de

mobilizar os seus corpos para o pronunciamento escutado e problematizado da *palavra mundo*.

Carolina de Jesus denuncia a fome que ela e seus filhos sentem na carne, fome esta solidária à mesa de muitas pessoas que vivem o contexto do Brasil e do mundo. Carolina de Jesus desvela o jogo político pelo qual a democracia pode ser ludibriada pelas regras inscritas no jogo do capitalismo que, ao seu bel prazer, se metamorfoseia sempre em defesa dos poderosos, para isso oprime ainda mais os “condenados da terra” (Fanon, 2022). Carolina de Jesus denuncia o mau-caratismo de políticos que usurpam o termo democracia para assumirem posições de destaque e depois descartam no lixo suas vãs palavras que se perdem ao vento. Carolina de Jesus se ressentida ao não ter a mínima possibilidade de cumprir com sua palavra (não comer mais alimento oriundo do lixo), com isso sente o peso da culpa que sucumbe ao peso da fome.

O que intentamos com todas essas provocações e outras mais possíveis a partir do excerto de Carolina de Jesus? Dialogar com Bell Hooks e Paulo Freire que muito nos ensinam sobre educação como prática da liberdade. Educação que se forja intencionalmente com o desejo pulsante do exercício da democracia. Neste sentido, esta educação e este projeto educativo têm como núcleo articulador o diálogo, que carece de perene vigilância para não ser transgredido, ferindo a ética humana que irmanam homens e mulheres advindos de contextos de profundas disparidades socioeconômicas.

Referências

- Batista, L. dos S.; Kumada, K. M. O. (2021). Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, [S. l.], v. 8, p. e021029.
<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>
- Dussel, E. (2012). *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Eurico, M. C.; Passos, R. G. (2022). Democracia e lutas antirracistas. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, [S. l.], v. 20, n. 50, pp. 125– 136.
publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/68511.
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freire, P. (2013). *Medo e ousadia: o cotidiano o professor*. tradução Adriana Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. (2019a). São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2019b). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2020a). *Política e Educação*. 5ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2020b). *Educação como prática da liberdade*. 47 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra,

- Freire, P. (2021). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Leal, H. M.; Castro, A. M.; Moreira, R. B. (2022). Descolonizando la educación. *Polémicas Feministas*. N. 6, pp. 1-12.
<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/polemicafeminista/article/view/39293>.
- Hooks, B. *Ensinando a transgredir*. (2017). A educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes.
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Hooks, B. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. 1ª ed. São Paulo: Elefante.
- Hooks, B. (2020). *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*. 1ª ed. São Paulo: Elefante.
- Hooks, B. (2021). *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. 1ª ed. São Paulo: Elefante.
- Jesus, C. M. de. (2014). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática.
- Oliveira, I. A. de; Ramos, J. B. S. (2020). *Filosofia e ética da libertação de Enrique Dussel*. 1ª ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano.
- Ratts, A.; Rios, F. (2011). *Lélia Gonzalez*. 1ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2010 (Retratos do Brasil Negro/ Coordenada por Vera Lúcia Benedito).
- Rosa, L. S. D. (2011). A alteridade e a relação pedagógica no pensamento de Enrique Dussel. *Revista Diálogo*. N. 19. <https://svrnet15.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/186/200>>.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. 1ª ed. São Paulo, SP: Cortez.
-

ABSTRACT:

The reflections included in this article, guided by a qualitative study, articulate Hooks and Freire's thoughts that provoke the American and Brazilian educational systems in the creative weaving of a democratic education. The question: How can educators transform authoritarian and inhumane practices, promoted and encouraged by many educational institutions, into a democratic educational praxis? It seeks to understand how the concepts of democratic education and democratic educator, present in the teachings of Hooks and Paulo Freire, announce the possibility of transforming authoritarian practices into democratic practices in teaching.

KEYWORDS: Democratic education; Bell Hooks; Paulo Freire; Dialogue.

RESUMEN:

Las reflexiones incluidas en este artículo, guiadas por un estudio cualitativo, articulan los pensamientos de Hooks y Freire que incitan a los sistemas educativos estadounidense y brasileño en el tejido creativo de una educación democrática. La pregunta: ¿Cómo pueden los educadores transformar las prácticas autoritarias e inhumanas, promovidas y alentadas por muchas instituciones educativas, en una praxis educativa democrática? Se busca comprender cómo los conceptos de educación democrática y educador democrático, presentes en las enseñanzas de Hooks y Paulo Freire, anuncian la posibilidad de transformar prácticas autoritarias en prácticas democráticas en la enseñanza.

PALABRAS CLAVE: Educación democrática; Bell Hooks; Paulo Freire; Diálogo.